

## O DICIONÁRIO COMO ARMA IDEOLÓGICA: Notas sobre o *Diccionariocarcundatico* (1821)

Maria Filomena Gonçalves\*

**RESUMO:** *Este artigo tem como objetivo analisar o Dicionario Carcundatico (1821), obra singular na lexicografia portuguesa, que foi publicada no Rio de Janeiro pelo militar José Joaquim Lopes de Lima. Embora o dicionário apresente algumas das características de toda a obra lexicográfica – macroestrutura, microestrutura, ordem alfabética e certas formas de marcação –, na verdade não se trata de um dicionário da língua corrente mas, sim, de uma sátira inscrita na disputa ideológica/ política entre liberais e absolutistas na segunda década do século XIX. É nesse contexto que as unidades lexicais arroladas pelo autor cumprem uma função e fazem sentido. Com a análise dessas unidades e das suas microestruturas, procura-se demonstrar como “dicionário”, como gênero (meta)linguístico, pelas suas características específicas, foi visto como uma arma ao serviço do debate ideológico.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *lexicografia; ideologia; língua portuguesa; Brasil.*

**ABSTRACT:** *This paper aims to analyze the "Diccionario carcundatico" (1821), a unique work in the Portuguese lexicography, published in Rio de Janeiro by José Joaquim Lopes de Lima, a Portuguese officer. Although the dictionary has some of the characteristics of a lexicographic work – macrostructure, microstructure, alphabetical order and certain types of lexicographic marks – in truth this is not a dictionary of the common language but rather a satire inscribed on the ideological/political dispute between Liberals and Absolutists in the second decade of the 19th century. In this context, the lexical units listed by the author fulfill a function and make sense. With the analysis of those units and of their microstructure, this paper aims to demonstrate how the "dictionary", as a (meta)linguistic gender, by its specific characteristics, was seen as a weapon in the service of the ideological debate.*

**KEYWORDS:** *lexicography; ideology; Portuguese language; Brazil.*

---

\* Universidade de Évora, ECS/DLL. CIDEHUS-UE/FCT Centro Interdisciplinar de História, Cultura e Sociedades- projeto UID/HIS/00057/2013

## INTRODUÇÃO

Em 1821<sup>1</sup> vem a lume no Rio de Janeiro o *Diccionario Carcundatico ou Explicação das Phrazes Carcundas* e o seu *Supplemento*, obrinha que até agora passou despercebida à investigação da história da lexicografia, embora se revista de grande interesse não apenas pelo tipo de unidades nela arroladas mas também por ser um exemplo de como o dicionário pode servir de arma para o confronto ideológico e o combate político.

Com efeito, a independência do Brasil acontece a 7 de setembro de 1822 no contexto das lutas entre os apologistas e os detractores das doutrinas liberais (SCHULTZ, 2006), já que dois anos antes se tinha dado em Portugal a Revolução liberal que inicia o período conhecido como “vintismo”, caracterizado quer pela enorme agitação política e social quer pela circulação de novas ideias, palavras e expressões. Baseado em documentação do triénio 1820-1823, Telmo Verdelho (1981), em interessante estudo sobre as “palavras e as ideias na Revolução Liberal”<sup>2</sup>, demonstrou que o léxico traduzia os “princípios e valores morais” da Revolução (Verdelho, 1981, p. 334). O autor sintetiza o confronto ideológico e político desses anos nos seguintes termos:

<sup>1</sup> Neste ano, as antigas capitanias do Brasil passam a denominar-se “províncias”.

<sup>2</sup> Ademais das palavras registadas na documentação analisada, o autor apresenta um índice de palavras (páginas 391 a 433).

As designações das várias posições ideológicas e políticas do vintismo podem arrumar-se em dois grupos claramente diferenciados. De um lado, os «realistas», «corcundas», «absolutistas», «católicos» ou «cristãos», «portugueses legítimos». Do outro os «liberais», «constitucionais», «regeneradores», «pedreiros» ou «maçónicos».

Além do estudo das unidades presentes em vários tipos de documentos – periódicos, panfletos, discursos, manifestos, reflexões, refutações, cartas, respostas, projetos, memórias, etc, etc. –, relacionadas com campos semânticos envolvidos no debate ideológico e na luta política<sup>3</sup>, Verdelho (1981,p.391-433) reúne as palavras (e suas combinações) num índice de 22 páginas. Embora, entre as fontes compulsadas, figurem vários documentos impressos no Brasil, o autor não consultou o *Diccionario Carcundatico* por não ter sido “possível encontrá-lo em nenhuma das bibliotecas nacionais”, dele tendo conhecimento graças à informação bibliográfica de Inocêncio (SILVA, XIII, p. 367). No entanto, a obra existia na Biblioteca Nacional de Portugal, estando agora disponível na sua biblioteca digital, o que nospermite confrontar as unidades ali reunidas com o léxico compilado por Verdelho. Em palavras deste, “«Corcunda» é uma forma que teve um estranho sucesso no vocabulário político. Foi a palavra que, durante o triénio liberal, mais se usou para referir

<sup>3</sup>Entre esses campos semânticos, refiram-se os seguintes: “princípios, direitos e deveres”, “razão, lei, moral”, “liberdade”, igualdade”, “tirania”, “servilismo”, “filosofia”, “felicidade”, “política”, “pátria”, “cortes”, “lei”, “rei”, “sociedade”, “religião”, “maçonaria”, “revolução”, perturbação e ordem”, “corrupção”, “partidarismo”.

de maneira acintosa os adversários do regime regenerador. Os próprios realistas aceitaram a alcunha e transformaram-na em epíteto honroso logo após a contra-revolução” (VERDELHO, 1981, p.336). “Carcunda” consta do rol de Bluteau (1727) mas, a crer na datação de Houaiss (2001), a forma “corcunda” só foi registada por Solano Constâncio([1836]1844), em cujo dicionário “carcunda”, com indicação de ser vocábulo “pouco usado”, equivale a “corcovado” (CONSTÂNCIO, 1844, p.223). Por sua vez, Adolfo Coelho (s.d, p. 405) remete de “corcova” para “carcunda”, e desta, ainda, para “corcunda” (Coelho, s.d., p. 308).

Segundo Verdelho (1981, p. 337), a palavra “carcunda” ou “corcunda” (i.e. 'deformidade da coluna vertebral do homem; a pessoa que tem essa deformidade; cacunda, cacundo, carcunda, corcovado')<sup>4</sup> e os seus derivados – “corcundões” “carcundal”, “corcundice”<sup>5</sup> (ou “carcundice”), “corcundismo”<sup>6</sup>, “carcundeira” – ocorrem em vários textos vindos a lume durante o vintismo, produtividade derivativa que traduz a enorme efervescência política e ideológica desse período histórico. Aos derivados já referidos, acrescenta-se o epíteto “carcundático”. O sufixo “-ático”, do lat. -ATICUM, pela sua deriva natural produziu “-

<sup>4</sup> De acordo com Cândido de Figueiredo (1899, p.347), “corcunda” é também a denominação dada em Lisboa ao “capatão”, nome registado por Houaiss (2001) como regionalismo português.

<sup>5</sup> Definido como “estado ou aparência de corcunda”, em Houaiss (2001) este é o único derivado de “corcunda” ou “carcunda”.

<sup>6</sup> Tem registo em Cândido de Figueiredo (1899, p.347), que define a unidade como “defeito de corcunda”. Este lexicógrafo não regista as restantes unidades.

ádego”, “-ádigo” e relaciona-se com “-agem” e “-ágio”. No entanto, “carcundático” segue o modelo de derivação<sup>7</sup> adjetival observável em “freirático” (freire + -ático), em que o sufixo culto tem o valor de 'relativo, pertencente ou próprio de'.

Além dos significados próprios atrás indicados, no Dicionário Houaiss (2001)<sup>8</sup> a palavra “corcunda” aparece igualmente assinalada como termo do domínio terminológico de “História”, sendo que, em Portugal, denomina um “partidário dos absolutistas nas lutas liberais do começo do sXIX” e, no Brasil, designa, por sua vez, ou o “partidário dos portugueses e da manutenção do Brasil unido a Portugal, durante as guerras da independência” ou o “adepto do partido restaurador nos tempos da regência”. Ainda no que se refere ao Brasil, na mesma obra lexicográfica (Houaiss 2001), a palavra recebe também a marca de regionalismo (variação diatópica), já que, no Rio Grande do Sul, “corcunda” é equivalente de “carimboto”, epíteto pejorativo que, durante o Império, “os farrapos<sup>9</sup> ('insurrectos') davam aos legalistas, membros do partido conservador”. Segundo Houaiss (2001), “carimboto”, que tem origem “duvidosa” e assentará, de

<sup>7</sup>Veja-se o que afirma Verdelho a respeito deste processo de lexicogênese: “A derivação constitui também utilíssimo artifício no estilo da nova comunicação política. O choque violento das ideologias, a depreciação e o engrandecimento, o exagero, a exploração dos paradoxos, todos estes efeitos, tão necessários na linguagem concionatária, são facilitados pelo recurso linguístico que permite transformar as palavras «político» em «politicão», «pedreiro» em «pedreirinho», «frade» em «fradesco», «filósofo» em «filosofastro», «periodista» em «periodiqueiro», etc» (VERDELHO, 1981, p.348).

<sup>8</sup> Por se tratar de uma versão eletrônica, não indicamos as páginas em que se encontram as entradas referidas ao longo deste trabalho.

<sup>9</sup>Como regionalismo brasileiro, segundo Houaiss (2001) era o “nome que os legalistas davam aos insurretos republicanos do Rio Grande do Sul durante a Guerra dos Farrapos (1835-1845)”.

acordo com Nei Lopes, em étimo originário de uma língua banta, é sinónimo de “absolutista, camelo, caramuru, corcunda, galego, reformador, restaurador”.

## 1. O DICCIONARIO CARCUNDATICO

O autor do *Diccionario Carcudatico* (1821)<sup>10</sup> é o português José Joaquim Lopes de Lima (c.1797-1852), natural do Porto, que, à data da Revolução Liberal, se encontrava no Brasil. Exerceu vários cargos de destaque da administração portuguesa, tendo sido capitão de fragata da Armada, membro do Conselho de Sua Majestade, comendador da Ordem de S. Bento de Avis, Cavaleiro de Torre e Espada, e governador civil de vários distritos de Portugal e do Ultramar (SILVA, 1885). Liberal, foi partidário do partido “cartista” que defendia, por oposição aos defensores da Constituição de 1822, a Carta Constitucional de 1826. Os dados biográficos de Lopes de Lima explicam e justificam, pois, a motivação do autor para a elaboração de um dicionário que, na verdade, é um panfleto político e ideológico.

Julgamos tratar-se de um caso singular, em que a sátira política e social assume o formato lexicográfico, género metalinguístico caracterizado pela ordenação alfabética das unidades e pela apresentação de enunciados que, além da semântica, integram informações de vários tipos (cronológica ou

---

<sup>10</sup>Embora este aspecto não diga respeito à dimensão lexicográfica da obra, é de notar a fraca qualidade da impressão, o que decerto decorre dos meios tipográficos então existentes no Brasil, uma vez que a “indústria gráfica” apenas foi introduzida em 1808. O primeiro dicionário impresso no Brasil (em Ouro Preto) data de 1832 (ARAÚJO, 2009) e foi publicado por Luís Maria da Silva Pinto, natural de Goiás.

diacrónica, regional ou dialetal, social ou diastrática e estilística ou diafásica). Ninguém ignora que a razão de ser de qualquer dicionário é elucidar o significado das palavras por meio de sinónimos, equivalentes ou definições e, ainda, fornecer informação acerca do uso das unidades lexicais arroladas na nomenclatura.

Ora, se Lopes de Lima não era lexicógrafo e o seu objetivo não era outro senão tomar posição e intervir no combate político e ideológico do vintismo, importa esclarecer o que levou o autor a optar pelo formato de dicionário, que assim é colocado ao serviço das ideias do “lexicógrafo amador” e da sátira que, em tom jocoso e humorístico, se propôs fazer do anti-liberalismo e dos partidários do absolutismo, os “realistas”. Também importará sublinhar que o título “dicionário” tem cariz didático, ou seja, anuncia uma obra cujo propósito é ensinar e esclarecer, objetivo que também se estende ao *Diccionario Carcundatico*, uma vez que o autor, por via de um rol lexical de consulta fácil e rápida, procurava caracterizar os absolutistas em termos morais, sociais e ideológicos. Ainda em 1821 e também no Rio de Janeiro, Lopes de Lima publica outro panfleto intitulado *Os corcundas do Porto, farça em verso com o hymno anti-corcundal*, o que mostra que o autor, para a propaganda dos seus ideais, recorreu a géneros textuais e estilos discursivo-argumentativos que, por se distanciarem da retórica tradicional e da erudição aristocrática,

pudessem envolver e mobilizar as “massas”. Com efeito, graças à liberdade de expressão, o período do vintismo destaca-se tanto pela proliferação de periódicos e panfletos de todo o gênero, que atestam a “democratização a escrita” (VERDELHO, 1981, p.347), como pela “ideologização” das palavras, pois, aos significados destas, no contexto das disputas entre liberais e absolutistas, foram acrescentados sentidos específicos, conforme exemplificam as unidades “camelo”<sup>11</sup>, “galego”<sup>12</sup>, “regenerador” e “restaurador”, que adquiriram valor próprio no domínio terminológico da História, de Portugal e do Brasil. Porque à língua – vista como instrumento de politização – é conferido um relevante papel de intervenção social e política, o vintismo privilegiou modalidades discursivas e gêneros textuais propícios à veiculação de ideias, à propaganda, à mobilização e à agitação das massas. Ora, o diálogo, por simular ou imitar a interação verbal, era particularmente adequado à polarização ideológica, permitindo o confronto direto entre posições antagônicas, que eram plasmadas, por sua vez, num léxico próprio. Disso é exemplo o *Dialogo entre dois Corcundas; Ribeiro no seu Casal*,

---

<sup>11</sup> Marcada como “regionalismo do Sul do Brasil” que no domínio da História, especificamente, “na guerra dos Farrapos (1835-1845),” segundo Houaiss (2001) era uma “designação pejorativa dada pelos rebeldes federalistas aos que lutavam no exército do governo imperial da regência ou aos que eram partidários deste; caramuru”. Este brasileirismo inscreve-se igualmente no âmbito da história, no qual denomina o “partidário do grupo político que, durante a Regência, se opunha à decretação da maioria de D. Pedro II ou o “partidário do partido político que defendia a volta de D. Pedro I ao trono após a abdicação; restaurador” (HOUAISS, 2001).

<sup>12</sup>De acordo com Houaiss (2001), na rubrica de “história”, como regionalismo do Rio Grande do Sul esta unidade tem uso e equivale a “carimboto”, tal como “reformador” e também “restaurador”.



e *Gomes no seu Ribeiro* por A. P. F. N.<sup>13</sup>, publicado em Lisboa em 1821, o mesmo ano do *Diccionario Carcundatico*, e que vem a lume no Rio de Janeiro.

Não raro roçando o grotesco, quer a sátira quer o tom jocoso e humorístico determinam a escolha de gêneros que permitam ridicularizar e caricaturar, até ao insulto, as ideias e os sujeitos que as encarnam.

Tal como na literatura latina, na qual a palavra “sátira” denominava a “composição poética jocosa ou indignada contra as instituições, os costumes e as idéias contemporâneas” (Houaiss, 2001), a sátira do período vintista, independentemente do género textual – carta, discurso, reflexões, diálogo, farsa, etc. – tinha essa finalidade, e esta era alcançada por via de uma retórica pontuada pela ironia, a hipérbole (por diminuição ou exagero), a metonímia e a justaposição, provocando o riso para cativar, convencer e mobilizar o leitor, uma vez que a caricatura e a derrisão – *riddendo castigat mores* ('o riso castiga os costumes') – não só diminuem o adversário, como também as suas ideias.

Como Lopes de Lima, não obstante recorrer ao formato lexicográfico, no *Diccionario Carcundatico* não pretendeu recolher o significado próprio do léxico, em nota prévia ao rol lexical previne o leitor contra as críticas, revelando ao mesmo

<sup>13</sup> Embora mais tardio, veja-se igualmente o *Dialogo de hum corcunda com um liberal* (1834), sobre o protesto de D. Miguel [...].

tempo o seu verdadeiro objetivo: usar o dicionário e as palavras compiladas como “arma de ataque”:

Tendo eu lido nas Peças, que aqui cito muitas expressões transformadas somente para illudir, o que de certo se consegue, huma vez que **o Leitor lhe dá a própria significação que encontrar em Bluteau**<sup>14</sup>, emprehendi este Diccionario, para lhes restituir a sua genuina significação; o qual irei Supplementando á proporção que fôr encontrando outras novas: declaro porém que atacando em geral, a ninguém personalizo.

Idêntica nota prévia antecede o anunciado *Supplemento*, onde o autor volta a precaver-se contra possíveis críticas proferidas por “diplomáticos”:

Prometti Supplementear: cumpro a promessa: mas não contente com ser Pai-velho de Carcundas, tentou-me ainda a Vaidade para meter-me a Politico: se algum Diplomatico me accuzar de dizer asneira, peço já a devida Venia; lembrando-lhe com tudo, que menor mal he dize-las, que faze-las (LIMA, 1821, p. I).

Contudo, o autor não oculta o caráter panfletário da obra, revelado, desde logo, no subtítulo acrescentado ao *Supplemento* – “Com observações acerca de muitos termos, que andão hoje na boca de todos, e outros que he preciso que andem” (LIMA, 1821) – e do qual se conclui ser objetivo do *Diccionario Carcundatico* divulgar uma ideologia por meio das palavras que melhor a traduziam.

## 1.1. Aspectos lexicográficos

<sup>14</sup> O negrito é nosso.

Dada a natureza das unidades incluídas nele, o *Diccionario Carcundatico* inscreve-se no que hoje, à luz da lexicologia e da terminologia, se convencionou denominar “linguagens especiais”, já que as palavras e expressões atribuídas aos partidários do absolutismo – os “corcundas” – e aos seus antagonistas – os liberais –, se integravam no âmbito comunicativo da política, no qual assumiam sentidos próprios e distintos dos significados que essas unidades possuíam na linguagem corrente. Operada no seio de grupos sociais que partilham determinada ideologia, essa “especialização” era intencional, decorrendo de uma lógica retórico-argumentativa segundo a qual o rebaixamento do adversário era uma forma de supremacia sobre ele. Isto terá levado Lopes de Lima a optar por um gênero/ formato – o dicionário – que à partida, devido à tradição pedagógico-didática a ele associada, e por pressupor uma técnica metalinguística, não pareceria adequado à luta política direta e ao confronto ideológico, muito embora seja verdade que as obras lexicográficas sempre veicularam quer os novos valores e ideias quer as terminologias técnicas e científicas (VERDELHO, 1998). Assim, falar em “linguagem especial” a propósito do *Diccionario Carcundatico* equivale a dizer que este dicionário reúne, não o léxico comum ou geral da língua portuguesa, mas o léxico usado em determinado grupo ou atividade. “Especial”, não no sentido de “linguagem científica ou

técnica”, porque não se trata de “terminologia” na verdadeira acepção do termo, como hoje é comumente aceite; “especial”, como o é toda a “gíria”, inclusive a da política, que pode ficar circunscrita a um período histórico e a determinado contexto ideológico.

Na verdade, o *Diccionario Carcundatico* não é um exercício lexicográfico que vise o léxico em si mesmo; trata-se, sim, de um panfleto doutrinário cujos propósitos vão para além da mera elucidação do significado das palavras e frases nele arroladas. Com efeito, o *Carcundatico* não contém as definições que as unidades possuem na língua geral, mas as acepções que elas adquiriram no contexto da disputa política e ideológica entre liberais e absolutistas e, por conseguinte, das necessidades de uns e outros ridicularizarem as posições do antagonista. Veja-se o exemplo do substantivo “adulação”, que na língua corrente significa “ação ou efeito de adular, de lisonjear (alguém); bajulação” (Houaiss, 2001) e no *Diccionario Carcundatico* caracteriza os defensores do absolutismo, os quais, aos olhos dos liberais, eram “servis” porque “rastejavam” perante o rei:

*Adulação.* – Deoza tutelar do Servilismo; Guia das suas acções. Companheira de seus passos; Protectora de seus crimes; e inexorável perseguidôra dos homens de bem. He semelhante ao Caracol cuja peçonha não mata, mas enoja; e que rastejando ante o Rei das Luzes, gostozo a bicórnea fronte, ufano do rasto prateado, que deixa a poz si.

Como se observa no enunciado acima, apesar de o jogo

sinonímico e a definição perifrástica assentarem no significado primário da palavra, o objetivo destes exercícios linguísticos, lexicológicos e lexicográficos é enfatizar o valor atribuído às unidades no contexto de uma ideologia particular, servindo para satirizar e ridicularizar ideias, ações e pessoas. Não se trata, portanto, de verdadeira sinonímia nem de verdadeira definição, já que as unidades são transferidas para um plano referencial inexistente na linguagem comum. No enunciado acima transcrito merecem realce duas características que sobressaem no *Diccionario Carcundatico*, cujo efeito visa mobilizar o leitor para a causa oposta à das ideias e figuras mencionadas: por um lado, a importância da adjetivação, que busca enfatizar a mensagem para radicalizar as posições em confronto; por outro, o uso de nomes de animais para “animalizar”<sup>15</sup> ou “bestializar” o adversário, criando aquilo a que Morel (1999) chama de “zoologia política”.

A título de ilustração, aos anteriores, juntamos ainda os seguintes exemplos. “Cadafalso”, palavra que denomina o “palanque ou estrado montado em local aberto para, sobre ele, realizar atos públicos ou cerimônias solenes”, a “construção desse tipo para a execução de condenados; patíbulo” e, em

<sup>15</sup> Entre os animais chamados a criar esse efeito conta-se o “dromedário”, mencionado a propósito de “corcunda”. Além dos animais, também os monstros e certas figuras mitológicas servem para apoucar e enfeiar o adversário e as suas ideias. Veja-se o exemplo da entrada “affronta”, em cujo enunciado os cortesãos que cercavam e influenciavam o rei são retratados “pestilentesharpyas”. Segundo Houaiss (2001), a “harpia”, que na mitologia grega era um “monstro com cabeça de mulher, corpo de pássaro e garras muito afiadas”, em sentido figurado designa uma “pessoa ávida; rapace”.

sentido figurado, a “condenação à morte de morte, execução” (HOUAISS, 2001), no *Diccionario Carcundatico* corresponde ao “Tripode do Despotismo; Columna da Tyrania” (LIMA, 1821, p. 5)

O substantivo “bula” que, como termo eclesiástico, significa a “dispensa de certas práticas religiosas que concedem os bispos” (HOUAISS, 2001), no dicionário de Lima equivale a “Quitação de qualquer imposto exótico pago à Curia Romana”, enunciado no qual a adjetivação (“exótico”) traduz a crítica à religião e às práticas com ela relacionadas.

Outro exemplo é o substantivo “avós”, que no *Diccionario Carcundatico*, por via da adjetivação – “rançoso”, “gothico” – na perspectiva liberal era usado para criticar um modelo social e formas de governança caducos.

*Avos.* – Homens endeozados pelos Carcundas, para nos apprezentar as suas rançozas máximas, e o que gothico comportamento, como grandes exemplos de submissão a qualquer governo, por mais opressivo que seja (LIMA, 1821, p.4).

Idêntica crítica aos partidários do absolutismo se encontra nos enunciados seguintes:

*Amor.* – Interesse; Egoismo... - Amor ao Rei – Vide Adhesaõ... Amor da Patria.. – Frazéoca na boca de humCarcunda.

*Politica* – Sciencia de enganar: refinada velhacaria; systema de tramoyas, inventado, e propagado a Europa no tempo de Luiz XIV; e levado á perfeiçaõ no tempo de Napoleaõ Buonaparte (LIMA, 1821, p.7).

Alguns verbetes servem de pretexto para a explicitação das ideologias em confronto, como se observa no enunciado relativo a “bispo”, que permite opor o “systema servil, vale dizer, absolutista”, ao “systema Liberal”: “*Bispo*. – Hum mero executor das ordens do Pap. (no systema servil)... Hum Soberano executor da Lei de Deos na sua Dioceze (segundo o systema liberal” (LIMA, 1821, p.4). O mesmo se observa no verbeito relativo a “democracia”:

*Democracia*. – Hum systema de Governo, em que a Nação por meio dos seus representantes, eleitos pelos chefes de Tribu, dicta as uteis reformas que precisa; e hum Rei, descendente da não interrompida Dynastia Reinante, e a que assiste o poder físico do Estado da execução a estas mesmas leis. –...os que não são servis chamaõ a isto – Monarchia Constitucional (LIMA, 1821, p.6).

Vejam-se, ainda, os enunciados relativos às entradas “promessas” e “tramas”:

*Promessas*. – Unicas dadivas dos Carcundas: v. gr. As Côrtes promettidas (LIMA, 1821, p.10).

*Tramas*. – Assim chamaõ os Carcundas a todos os actossolemnes do Liberalismo<sup>16</sup> (LIMA, 1821, p. 12).

A disputa entre liberais e absolutistas fica plasmada em “entradas complexas” como “guerra civil”, definida como uma “guerra imaginaria entre dous partidos compostos, hum de quatro

<sup>16</sup> Segundo Houaiss (2001), a palavra “liberalismo” está atestada em 1858, na 6ª edição do Dicionário de Moraes Silva. Porém, como facilmente se conclui do *DiccionarioCarcundatico*, na década de 20 do século XIX já aquela unidade tinha ampla circulação em Portugal, pelo que a datação de Houaiss está desfasada em cerca de 35 anos.

milhões de habitantes rezolutos, e aguerridos [i.e os liberais]<sup>17</sup>; e outro de quatro duzias de Aulicos, e com quatro centos de apaniguados, medrozos, e indolentes [os absolutistas]<sup>18</sup>.

Com efeito, todas as palavras servem para contrapor as ideias liberais às absolutistas, inclusive as aparentemente mais neutras ou desprovidas de qualquer polissemia, conforme ilustra a unidade “çaragoça”, forma não registada em Verdelho (1981), que designa, segundo Houaiss (2001), um “tecido grosso de lã escura” e, por extensão, “qualquer roupa feita com esse tecido”. Assim, até a qualidade da vestimentaserve para criticar o adversário, em especial quando se trata de o descrever como um lobo que veste a pele de um cordeiro, fazendo-se passar por aquilo que não é para obter os seus fins.

*Çaragoça.* – A principio distinctivo do Liberal: hoje pelle de ovelha para o Carcunda. (LIMA, 1821, p.6).

*Constituição.* – Plano de desordem (He hum Carcunda, que falla) inventado pelo espirito de seita na sua efervescência, e que o povo, não sei porque, aplaude; mas que ainda que trouxesse consigo melhoramentos uteis, para ser desprezível basta ter começado debaixo para cima, sendo que só os Reis e seus ministros tem o poder, recebido do Ceo, de mudar o Governo, a que os outros homens devem obedecer cegamente, como hum rebanho ao seu Pastor... N. B. He livre a quem assim fallahir com cajado, e surraõ para a serra da Estrella conduzir os carneirinhos, em que nota tanta docilidade (LIMA, 1821, p.6).

<sup>17</sup> Parênteses nossos.

<sup>18</sup> Parênteses nossos.



*Inquizição, e Inconfidencia*<sup>19</sup>. – Duas Fúrias destruidoras da espécie humana, inimigas da Luz, como filhas do inferno" (LIMA, 1821, p.8).

*Plebe*. – Nome com que os Carcundas apelidaõ todos os que não alardeaõ.

De terno Teliz<sup>20</sup> bordados  
Dez Cães, e quinze Leões.  
(LIMA, 1821, p.10).

A reivindicação dos direitos e liberdades individuais, princípio fundamental do liberalismo, manifesta-se ao longo de todo o *Diccionario Carcundatico*, motivo por que a expressão “Liberdade de Imprensa” figura na nomenclatura com a seguinte definição: “Anathema contra os Carcundas cujos efeitos se começaõja a sentir, patenteando tyranias, vexames, extorsões, e ladroeiras” (LIMA, 1821, p.9).

Sendo a religião e as práticas com ela relacionadas um dos alvos do Liberalismo, que lhes imputava a responsabilidade pelo atraso social, político e cultural da nação, não é estranho que a propósito de palavras comuns se registem notas críticas e mordazes exclamações, assim como verdadeiras caricaturas de pessoas, costumes e ideias. Veja-se o exemplo da palavra “carne”, a cujo propósito comenta Lima no verbete correspondente:

<sup>19</sup> De acordo com Houaiss (2001), a palavra significa “falta, abuso de confiança, revelação de segredo”; “indiscrição quebra de sigilo”; “vazamento de informação sigilosa, infidelidade, deslealdade, esp. para com o Estado ou um governante”, e tem atestação desde 1705.

<sup>20</sup> Segundo Houaiss (2001), “tecido us. para recobrir a sela de montaria, ger. bordado com as insígnias do cavaleiro”, com datação de 1597-a1616.

*Carne.* – Comida condenada nas sextas feiras, e sabbados, e mais 40 dias no anno, em prol de humaNação estrangeira, que nos embute bacalhão podre a troco de ouro, e prata; e contra o preceito de Deos e seus Discipulos – Comei de quanto se vende no Mercado! (LIMA, 1821, p.5).

As definições dos substantivos “conventos” e “frades” não são menos reveladoras do espírito anticlerical do autor do *Diccionario carcundatico*: “*Conventos.* – Cazas consagradas a Deos, com muita gente dentro consagrada a si mesma” (LIMA, 1821, p.); “*Frades.* – Meio termo entre os dous sexos com vicios de hum, e de outro...N.B. Fallo dos Frades; não dos Religiosos”. (LIMA, 1821,p.5).

À crítica mordaz não escapa nenhum grupo social, conforme se nota no reparo a respeito dos *Doutores.* – Nem todos são doutos; mas todos se tem por isso” (LIMA, 1821, p.) e aos "estrangeiros", vistos como "Pedagogos, e thezoueiros dos Portuguezes: boa gente, que tem o trabalho de fazer cazacas, calças; chapeos, çapatos, vestidos de Senhora, e toucados...Oh! que toucados!..para lhe virem dar troco de humas bagatellas, que luzem muito... Ditoza condição! Ditoza gente!... (LIMA, 1821, p.4)".

A entrada “uxaria” (i.e. ucharia<sup>21</sup> 'despensa' ou 'compartimento onde se guardam os mantimentos'), num jogo semântico entre o dito e o não dito, e sob disfarce da referência à

<sup>21</sup> Em Houaiss (2001), recebe 1536 como datação e, ainda, a marca de “diacronismo”.

gastronomia, serve igualmente de pretexto para a crítica à inutilidade do desbaratamento das riquezas nacionais:

Dizem os melhores Gastrônomos ser a de Portugal a mais rara do Universo, não pelo sabor das iguarias; mas porque allí se achavaõ empadas com recheio de ouro, e prata, e seu molho de fezes<sup>22</sup> de ouro; por isso alguns cá de fora acachavaõ muita a despeza; mas perguntem-o ás empadas de lá de dentro!...(LIMA, 1821, p.8)<sup>23</sup>.

Na verdade, a crítica e os efeitos humorísticos aplicam-se a todos os aspectos da vida social, consoante se observa na definição de “empregos” (“Meios de acomodação, para os amigos dos Mandões ganharem algum vintém”, LIMA, 1821, p. 4) e na de “Policia”:

A Terceira furia de Portugal depois das duas Inquiização, e Inconfidencia, em cujo serviço trabalhava: monstro de cem olhos, que penetrava até no amago das Familias, para espiar as mais secretas conversações; obrigando os Cidadãos, que a estupidez não insensibilizava, a disfarçarem a sua Linguagem; chamando ao dia noite, ao branco preto, ao vinho fogo, e á desgraça ventura até no centro dos mais recatados apozentos, quando queriaõ tratar de suas propriascircunstancias (LIMA, 1821, p.6-7).

Dos exemplos acima, se conclui que as entradas, devido à natureza do *Diccionario carcondatico* e aos seus objetivos, podem ser plurais de substantivos – “avós”, “conventos”, “frades”, “tramas”, “Promessas” – e sequências ou combinações de palavras como “Guerra civil”, “Inquiização, e Inconfidencia” e “Xá e Xicaras”. Na nomenclatura encontram-se igualmente

<sup>22</sup> Significa “resíduos”, “escórias”.

<sup>23</sup> Note-se o uso da exclamação, que traduz o exagero e a grandiloquência que caracterizaram o discurso político do vintismo.

“nomes próprios” cuja inclusão se justifica pelo facto de corresponderem a figuras relevantes no debate ideológico-político, como foi o caso de “Borges” (i.e. José Ferreira Borges<sup>24</sup>) e de “Gomes Freire”<sup>25</sup>, ambos enaltecidos como encarnação humana das virtudes liberais.

*Borges.* – Nome atterrador; Demonio na boca de hum Carcunda: papaõ da Magistratura: e Trovaõ da Liberdade". (LIMA, 1821, p.5).

*Gomes Freire.* – Na phrase de hum Carcunda – o CatilinaPortuguez– Na de hum Liberal – O BelizarioPortuguez – (porém mais infeliz) – Na de todos – O phenix, o proto-Martir da Liberdade portugueza" (LIMA, 1821, p.7).

## 1.2. Marcas lexicográficas

Embora o seu não seja propriamente um dicionário convencional, como referido atrás, nos enunciados o autor adota procedimentos tipicamente lexicográficos. Com efeito, no *Diccionario carcundatico* detectam-se “marcas” que oferecem ao leitor informação acerca da vitalidade das unidades (antiga, moderna...), sobre o uso social (variação diastrática), geográfico (variação diatópica) e cronológico (variação diacrónica) das palavras ou, ainda, o registo ou nível de língua em que eram usadas (variação diafásica), o que, mesmo no contexto da mera

<sup>24</sup> Viveu entre 1786 e 1838. Autor do primeiro Código Comercial português (1833), foi advogado, economista, político e deputado das [Cortes Constituintes de 1821](#).

<sup>25</sup> Trata-se do general Gomes Freire de Andrade (1757-1817). Acusado de envolvimento na conspiração de 1817, foi condenado à morte. O enunciado de Lima faz referência precisamente ao infortúnio de Gomes Freire.

luta política e ideológica, traduz bem como Lopes de Lima estava ciente de que o combate entre ideias correspondia uma guerra de palavras. Nos exemplos abaixo transcritos, as marcas vão destacadas em negrito e, como se pode verificar, aparecem como paradigma próprio, regra geral depois da entrada, entre parênteses ou simplesmente seguido de um sinal de pontuação separador (ponto ou ponto e vírgula).

*Corcunda.* – **(Phrase da moda)** Homem, que afeito, se satisfeito com a carga do despotismo, se curva como o dromedario para recebela; e trazendo esculpido no dorso o indeleve ferrete do Servilismo, tem contrahido o habito de não erguer mais a cabeça, recheada de estonteadas idéas de huma sórdida cubiça.

*Bernarda*<sup>26</sup>. – **He palavra Brasileira**; mas penso que significa – A expressão da vontade da Tropa.

*Grulha.* – **Termo chulo.** Que na boca de hum Carcundo significa – Homem que diz a verdade sem os atavios da lisonja: v. g. Hum Borges.

*Regencia.* – **(Anterior a 15 de Setembro de 1820)** Tribunal de sangue; Governo com o poder do Diabo, de fazer só mal, e nunca bem: composto de homens insolentes no mando; indignos no abatimento; faceis em prometter; falsos em cumprir; fanfarrões em proclamar; e taõ covardes em fugir, que deixaraõ a Capital dous dias sem Governo" (LIMA, 1821, p.11).

Como substantivo comum, oriundo de um antropónimo feminino, “bernarda” significa “desordem; algazarra; revolta” (NOBRE, 2000, p.45), acepção figurada que provém, segundo

<sup>26</sup> A forma masculina (“bernardo”), adjectivo ou substantivo, denomina o que é “relativo ou pertencente à Ordem de S. Bernardo” ou o “frade bernardo”.

Houaiss (2001), da extensão do nome pelo qual ficou conhecido o “movimento revolucionário ocorrido em Braga (Portugal) em 1862”. De acordo com Houaiss, a unidade teria uma primeira atestação em 1871, no *Grande Dicionario Portugueza Lingua ou Thezouro da Lingua Portugueza*, de Fr. Domingos Vieira. No entanto, a palavra está registada em 1821, no *DiccionarioCarcundatico*, onde recebe a marca de “brasileirismo”, não averbada em Houaiss (2001).

A palavra “grulha”, registada desde Bluteau (1713), em Houaiss (2001) corresponde a “que ou aquele que fala muito; tagarela, falador”, sendo-lhe ali atribuída origem no verbo francês “grouiller”. Mas A. G. Cunha (1986) supõe que provém do espanhol “grulla”. Seja como for, fica claro que “grulha”, no contexto da linguagem política do vintismo, havia adquirido um significado completamente diverso daquele que a unidade tinha na linguagem corrente, sendo de notar que os dicionários consultados não dão conta do significado “vintista”. Por outro lado, importa assinalar que, ao menos em Houaiss, à unidade “grulha” não está associada qualquer marca equivalente a “termo chulo”, se bem que a palavra seja etiquetada como “regionalismo” tanto em Portugal como no Brasil, designando aqui, no Rio Grande do Sul, 'que ou o que demonstra coragem, intrepidez; corajoso, arrojado' e denominando ali, na linguagem popular, o 'juiz de direito'. Com efeito, num dicionário de 1901

que reúne palavras e expressões de gíria e calão, a palavra “grulha” é definida como “fallador em demasia; que não deixa fallar mais ninguém”, sendo rotulada como “popular” (BESSA, 1901, p.163). Neste dicionário, como denominação do “juiz de direito”, “grulha” tem a marca de termo da gíria dos “gatunos”.

No *Diccionario carcundatico*, “grulha” corresponde a “hum Borges”, nome próprio de um personagem que na sociedade seria certamente conhecido por dizer a verdade sem rodeios. Ora, a transferência do nome próprio para a qualidade ou característica do nomeado nada mais é senão um recurso metonímico, procedimento que, no contexto de um debate político, imprime vivacidade ao discurso e convoca a cumplicidade do leitor, a quem cabe decodificar a mensagem indireta.

No *Carcundatico* existem outras referências ao Brasil que certamente são fruto do conhecimento direto que o lexicógrafo tinha do país, então ainda colônia portuguesa, e onde exerceu a atividade de militar:

*Banco*. – No Rio de Janeiro he huma caza grande na rua Direita, que tem huma guarda á porta (LIMA, 1821, p.3).

*Empeestimo*[i.e. empréstimo]. – Pouco mais ou menos o mesmo que roubo em bom Portuguez; v.gr. os do Banco do Brasil (LIMA, 1821, p.4).

Por outro lado, é de salientar que a voz do lexicógrafo aparece várias vezes no *Diccionario Carcundatico*, intercalada entre parênteses, para tecer comentários:

*Nivel.* – Instrumento, que inspira mais terror a hum Titular Carcunda (**ha muitos que o não são**), do que a faca ao Lobo (LIMA, 1821, p.9).

A voz do "lexicógrafo-panfletário" regista-se igualmente em expressões introduzidas parenteticamente – "(He hum Carcunda, que falla), (He o mesmo que falla)" –, que servem para caracterizar a ideologia contrária à liberal.

### 1.3.Referências metalinguísticas

Devido à sua natureza e finalidade, o dicionário é uma obra metalinguística na qual a língua esclarece o significado, a classificação e o uso de elementos integrados nessa língua, sendo por isso natural que o dicionário comporte referências explícitas ao sistema linguístico. No *Diccionario Carcundatico* não abundam as referências desse tipo, o que certamente se explicará pela natureza das unidades arroladas. Contudo, a inclusão do termo (linguístico-gramatical)“orthographia” na nomenclatura mostra em que medida Lopes de Lima era ciente da variação gráfica possível nos anos 20 do século XIX, período em que o “caos gráficos” reinante já suscitava inúmeras propostas de sistema ortográfico, fosse em sentido fonetizante, fosse em sentido etimologizante ou, ainda, de compromisso entre os dois

**Revista Trama ISSN 1981 4674 - Volume 12 – Número 24 –2016, p.154 -189.**



anteriores (GONÇALVES, 2003). Por carecer de qualquer regulamentação ou norma, na “orthographia” via o autor o único espaço da escrita que não era passível de opressão ou censura.

*Orthographia.* – Único ponto em que Portugal tinha ampla liberdade de escrever (LIMA, 1821, p.)

Embora não sejam propriamente de ordem metalinguística, são de realçar algumas notas de interesse linguístico, como é caso da entrada “xá e xícaras”, entrada cujo objetivo não é outro senão criticar, com ironia, o desbaratamento da fortuna e os maus negócios feitos nas colónias ou em longínquas paragens onde os portugueses tiveram trato comercial.

Xá e Xícaras. – Generos que recebemos para o nosso consumo das nossas Colonias Asiaticas a troco de meias-dobras de ouro... Que colonias tão uteis! (LIMA, 1821, p.8).

O mesmo jogo irónico encontra-se no enunciado relativo a “moeda”, palavra que serve de pretexto para denunciar o crónico endividamento do país que, produzindo pouco, tudo importava, exportando apenas a moeda:

*Moeda* – Das manufacturas Portuguezas a de maior exportação, com a vantagem de possuirmos a materia prima (LIMA, 1821, p.6).

A ironia atrás referida é, de fato, a figura de estilo que percorre todo o *DiccionarioCarcundatico*, manifestando-se a propósito dos mais variados aspectos da vida individual e social— da moral e religião aos costumes e práticas —, como se conclui do

enunciado relativo a “taful”, palavra que remonta ao século XIII (HOUAISS, 2001):

*Taful*– Manequim animado; taboleta de modas; buletim de novidades; Inglez no Chapéu; Francez na Cabeça; portuguez na Cazaca; Chinez nas Calças; Carcunda por estupidez; Constitucional por moda; cego por galantaria; debochado por Systema; e vadio por Officio.... E tanto Pai de filhos como huma arma ao hombro!.... (LIMA, 1821, p.8).

Ora, de acordo com uma das acepções registadas Dicionário Houaiss, a palavra “taful”, que hoje é obsoleta, denomina “quem se veste com exagero”, o “janota, casquilho<sup>27</sup> ou tafulo”.

Como se pode comprovar acima, o recurso frequente à maiúscula<sup>28</sup> (11 ocorrências num só enunciado), junto com a adjetivação abundante (4), visa criar contrastes, assim como um tom grandiloquente que traduz, como bem sublinhava Verdelho (1981, p.348)

a euforia, a exageração, o excessivo respeito pelas ideias grandiosas, a intenção de impressionar, serão determinantes evidentes desse proliferar de letras grandes – verdadeiros hierarquizadores semânticos.

Ao serviço da crítica irónica (não raro ferina), também são usados alguns jogos semânticos, como aquele que Lopes de Lima estabelece por meio do contraste entre o singular e o plural do mesmo substantivo:

<sup>27</sup> Designação do “indivíduo que se veste com apuro excessivo, no rigor da moda; janota” (HOUAISS, 2001).

<sup>28</sup> Outro exemplo deste traço do discurso político do vintismo é o se encontra no enunciado relativo a “filantropya: Palavra, que jámais se encontrou no Vocabulario do Servilismo, senão debaixo do nome de Libertinagem, Irreligião, Atheismo, Maçonaria etc.” (LIMA, 1821, p.7).

*Honra.* – Muitos Carcundas tem *honras*; mas bem pouco tem *honra*(LIMA, 1821, p.4).

*Qualidade.* – Há muitos Carcundas de **qualidade**; mas poucos com **qualidades** (LIMA, 1821, p.10).

Na verdade, toda a riqueza semântica do léxico – significados próprios, figurados, metonímias, contrastes – é colocada ao serviço do crítica e da defesa de um ideário em detrimento de outro, retratando a conjuntura política e social do vintismo. Assim, ao substantivo “labéu”, que já remetia para desonra, fica associado o substantivo “carcunda”, denunciando o lexicógrafo a pecha social inerente a estenome, que também pode funcionar como epíteto:

*Labeo* – Actualmente o de Carcundahe o mais injuriozo; por comprehender em si quanto ha de mais vergonhozo nos outros (LIMA, 1821, p.5-6).

Não menos curiosa é a criação neológica ao serviço da crítica ideológica e social, conforme fica patente no enunciado referente à entrada “estudo”:

*Estudo.* – O da **Zero-graphia**<sup>29</sup>he muito cultivado na Corte (LIMA, 1821, p.4).

Por outro lado, importa ressaltar que “maçon” (redução de “franco-maçon”) era palavra recente, pois, a crer na datação de

<sup>29</sup> Negrilo nosso.

Houaiss, o primeiro registo seria de 1817, data que também atribui à unidade "maçonaria"<sup>30</sup>:

*Maçon.* – Todo aquelle que proclama a liberdade da sua patria; que nãobeja as mangas aos Frades que abomina a Inquiziação, e as suas fogueiras; que falla sem preambulos; escreve sem Dedicatorias; e imprime sem Censuras" (LIMA, 1821, p.9).

## CONCLUSÃO

Os dados acima apontados mostram que o *Diccionario Carcundatico*(1821) é um exemplar lexicográfico singular, porque se por um lado apresenta alguns dos distintivos do dicionário – nomenclatura organizada por ordem alfabética, entradas e enunciados lexicográficos, processos tipográficos de destaque das entradas –, por outro, tem objetivos distintos dos que habitualmente constituem o fundamento de um dicionário de língua.

Com efeito, o *Carcundatico*, que tem evidentes objetivos políticos e ideológicos, não pretende fornecer ao leitor os sinónimos das palavras arroladas e os seus significados básicos na língua comum; antes procura constituir um panfleto doutrinário em prol dos ideais liberais, seus valores e palavras de ordem, e em contraponto aos do absolutismo. Por isso mesmo, no *Diccionario Carcundatico* apenas estão reunidas as unidades às quais eram atribuídos sentidos particulares, específicos ou

<sup>30</sup> A datação de Houaiss baseia-se no *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, de A. G. Cunha (1982).

figurados, no contexto da luta política entre liberais e absolutistas (os corcundas ou carcundas), motivo por que também os enunciados divergem dos que em regra configuram uma obra lexicográfica.

A opção por este género textual para a defesa do ideário liberal dever-se-á ao facto de o dicionário permitir o acesso fácil e rápido à informação e, portanto, se adequar particularmente bem à propaganda política e ideológica. Embora o dicionário, enquanto repertório lexical, sempre tenha sido um género propício à circulação quer de ideias e conceitos, quer das denominações de novidades técnicas e científicas, a verdade é que o *Diccionario Carcundatico* é um caso ímpar de exercício lexicográfico, visto ser exclusivamente motivado por uma causa política e ideológica, o que é motivo mais do que suficiente para merecer um lugar não só na história das ideias em Portugal e no Brasil como na história da lexicografia portuguesa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Paulo Mario Beserra de. *Humdicionario sem auctor versus hum 'auctor' com dicionario*. Rio de Janeiro: Non Edictandi.

BESSA, Alberto. *A gíria portugueza. Esboço de um dicionario de «calão»*. Lisboa: Livraria Central de Gomes de Carvalho, Editor, 1901.

BLUTEAU, D. Rafael. *Vocabulario Portuguez e Latino*. 8 Tomos. Tomos I, II, 1712; III, IV, 1713; V, 1716; VI, VII, 1720; VIII, 1721. Tomos I-IV, Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus; Tomos V-VIII. Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva.

BLUTEAU, D. Rafael. *Supplemento ao Vocabulario Portuguez, e Latino*. 2 T. Lisboa: 1727-1728.

COELHO, F. Adolfo. *Diccionario Manual Etymologico da Língua Portuguesa*. Lisboa: P. Plantier Editor, s.d.

CONSTÂNCIO, F. Solano. *Novo Diccionario Critico e Etymologico da Lingua Portuguesa*, 2ª ed. Paris: Angelo Francisco Carneiro Editor Proprietario. 1844 (1ª ed. 1836).

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986 (1ª ed. 1982).

*DIÁLOGO DE HUM CORCUNDA COM HUM LIBERAL, sobre o protesto de D. Miguel Maria do Patrocinio, João, Carlos, Francisco de Assiz, Xavier, de Paula, Pedro d'Alcantara, Antonio, Rafael, Gabriel, Joaquim, José, Gonzaga e Evaristo*. Porto: Imprensa de Gandra & Filhos, 1834.

*DIALOGO ENTRE DOIS CORCUNDAS; Ribeiro no seu Cazal, e Gomes no seu Ribeiro* por A. P. F. N. Lisboa: Na Officina da Viuva de Lino da Silva Godinho, 1821.

FIGUEIREDO, Cândido de. *NôvoDiccionario da Língua Portuguesa*. 2 vols. Lisboa: Livraria Editôra Tavares Cardoso & Irmão. 1899.

GONÇALVES, Maria Filomena. *As ideias ortográficas em Portugal: De Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2003.

GONÇALVES, Maria Filomena. "Contribución al estudio de la lexicografía del portugués de Brasil: el Diccionario da Lingua Brasileira (1832)". In: Antoni NomdedeuRull, Esther ForgasBerdet y María Bargalló Escrivá (eds.), *Avances de lexicografía hispánica* (I). Tarragona: PublicacionsUniversitatRovira i Virgili, 2012, p. 317-326.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss/Editora Objetiva, 2001. [CDrom].

LIMA, José Joaquim Lopes de. *Diccionariocardundatico ou explicação das phrazes dos carcundas*. Extrahida a sua significação das Peças Diplomaticas do Congresso de Laybak; Discursos do Rei de Napoles; Proclamações da Regencia de Lisboa no principio de Setembro de 1820; Decreto de Thomaz Antonio de 18 de Fevereiro de 1821; Conversações particulares dos carcundas; etc. Rio de Janeiro: Na Imprensa Nacional, 1821a. Disponível em: <http://purl.pt/6641>

LIMA, José Joaquim Lopes de. *Suplemento ao Dicionariocardundatico, com observações acerca de muitos termos que andão hoje na boca de todos, e outros que heprecizo que andem*. Rio de Janeiro: Na imprensa Nacional, 1821b. Disponível em: <http://purl.pt/6666>

MALERBA, Jurandir (org.). *A independência do Brasil: novas dimensões*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MOREL, Marco. *Animais, monstros e deformidades: a «zoologia política» na construção do Império do Brasil. Estudos históricos*, 24, p.250-265, 1999. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2099/1238>

*PARALLELO ENTRE OS CORCUNDAS E OS LIBERAES*. Rio de Janeiro: Impressão Regia, 1821.

SCHULTZ, Kirste. “A era das revoluções e a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro (1790-1821)”. In: MALERBA, Jurandir (org.). *A independência do Brasil: novas dimensões*. Rio de Janeiro: FGV, p. 125-152, 2006.

SILVA, Francisco Inocêncio da. *Diccionário Bibliográfico Portuguez*. vol.IV, vol. XIII. Lisboa, 1885.

VERDELHO, Telmo dos Santos. *As palavras e as ideias na Revolução Liberal de 1820*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981.

VERDELHO, Telmo. “Terminologias na língua portuguesa. Perspectiva diacrónica”. In: Jenny Brumme (ed.), *La história des* **Revista Trama ISSN 1981 4674 - Volume 12 – Número 24 –2016, p.154 -189.**



*llenguatgesiberoromànicsd'especialitat (segles XVII-XIX):  
solucions per al presente. Barcelona: InstitutUniversitari de  
Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 1998, p.93-131.  
VIEIRA, Fr. Domingos. Grande DicionarioPortuguez ou  
Thesouro da LinguaPortuguesa, 5 vols. Porto: Ernesto Chardron  
e Bartholomeu H. de Moraes, 1871-1874.*

# TRAMA

**Curso de Letras, Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras  
Campus de Marechal Cândido Rondon**

**Programa de Pós-Graduação em Letras Sociedade e Linguagem  
Campus de Cascavel**

Anexo



